

Editorial

De que se queixa o humano? Tomando-se o publicado em jornais – esses estranhos veículos onde se misturam ficção e realidade em insistentes catástrofes – o humano está freqüentemente se lamentando daquilo que mais gosta: os amantes do trabalho são estressados e *workaholics*, uma esquisita manifestação de toxicomania; os amantes do risco – jogadores, empresários, esportistas – reclamam das manifestações de angústia; o amor à tensão e à contenção leva o humano a lamuriar-se da dor.

Mas os jornais gostam, mesmo, é de dar destaque às doenças reais, imaginárias e simbólicas e aos “milagrosos” remédios, potentes químicas capazes de extirpar esses sofrimentos.

A hipocondria, focalização compulsiva do pensamento e das preocupações sobre o próprio estado de saúde, freqüentemente acompanhada de sintomas não podendo ser atribuídos a nenhuma doença orgânica, é tão presente nos meios de comunicação de massa – jornais, revistas, TV – que um leitor atento pode pensar: o humano é uma espécie doente.

E, certamente, esse leitor não estaria longe de uma verdade fundamental. O humano é a única espécie sofredora, ou seja, portadora de padecimento intrínseco intimamente associado ao prazer. Tome-se um exemplo

trivial: o casal paulistano de classe média alta voltado para os prazeres gastronômicos. Depois de cuidadosa escolha do restaurante, acompanhada por um elaborado diálogo imaginário sobre o que gostariam de comer; depois de refinada escolha dos pratos e das bebidas; depois da sensível escolha da sobremesa acompanhada por licor e café, o casal sai do restaurante queixando-se do peso, das comidas indigestas, das noites mal dormidas graças à acidez estomacal.

O obsessivo, incorrigível amante do incessante pensar lamenta-se por pensamentos que o perseguem e exigem ações muito precisas.

Prazer e desprazer, unidos inseparavelmente, muitas vezes tornam-se excessivos. Quando isso ocorre, diz-se da paixão e da doença: “fulano é corinthiano doente”; “sicrano é fissurado num remédio”; “beltrano é louco por comida”. Nenhum outro animal, só o denominado ser racional, é capaz de *pathos*, desse excesso gozoso prazerdesprazer.

O *pathos* incidindo sempre no corpo, solicita um incessante falar. Por isso escolhemos a imprensa e os diálogos familiares como exemplos dessa manifestação. O humano tanto fala de seu *pathos* que somos levados a pensar sobre a palavra como a máxima expressão humana de prazerdesprazer. Se quisermos saber do que sofre o humano, basta deixá-lo falar. Virão, então, as expressões de seus amores e seus sofrimentos, daquilo que o escraviza e o assujeita. É essa condição, característica da espécie, que nos leva a constatação de que o humano é uma espécie psico-pato-lógica, desde que reconheçamos a união entre psique e soma. Nessa ótica, não tem cabimento falar de uma psicossomática. A psicopatologia é sempre somática já que o excessivo prazerdesprazer se manifesta no corpo.

Este número da *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental* traz diversos artigos sobre *pathos* e corpo se manifestando na palavra.

Este é o caso de *esquizofrenia e miscigenação*, onde os autores apresentam uma experiência clínica com um paciente inventor de língua própria revelando seu prazerdesprazer com a sensação fragmentada de seu próprio corpo e a impossibilidade de integrar essas partes num organismo. Mas, aqui, corpo e metrópole se encontram. A fragmentação é tanto do organismo corporal como do organismo metropolitano. Essa manifestação coloca, sutilmente, a seguinte questão: a quem pertence o corpo? O *pathos* de Pedro remete o leitor ao *Crítón* do divino Platão onde Sócrates, diante de sua condenação à morte, decide que seu corpo, tendo habitado Atenas e tendo sido sustentado, educado e vivido graças à cidade, a ela pertence e, portanto, ela tem todo o direito sobre a vida e a morte do organismo. A existência de Pedro, como a de Sócrates, não consegue ultrapassar os limites dados pelas características das cidades habitadas por seus corpos.

É o caso, também, de *Hamlet e a melancolia* onde a autora examina as intermináveis vacilações do príncipe da Dinamarca, personagem shakespeariano, sobre o eu-corporal. Entre Eu ideal e Eu abjeto não há nada além de um corpo

prazerdesprazer, de um *pathos* paralisante levando o príncipe a longos solilóquios.

Não seria o caso, aqui, de prosseguir em breves reflexões sobre todos os trabalhos publicados neste número da *Revista*.

Mas, importa, sim, reconhecer que todos os autores apresentam textos magistrais de psicopatologia sem que o assunto se torne maçante, aborrecido, repetitivo e monótono. Com eles, aprendemos sempre mais sobre a natureza psicopatológica do humano, essa característica inesgotável da espécie.

Este é, pois, mais um número de excelente qualidade que vai consolidando o atual renome da nossa *Revista*.

Por isso mesmo fomos informados que ela faz parte de uma seleta lista de periódicos adotada pelo Ministério da Educação da França servindo para avaliar a produção científica dos pesquisadores universitários daquele país.

Tal informação talvez explique o crescente número de artigos em francês e em inglês recebidos para eventual publicação e precipitou a decisão editorial de adotar o francês e o inglês, além, é claro, do português e do espanhol, como línguas adequadas para os artigos, a partir do número de março de 2002. Com isso, pretendemos imprimir um padrão cada vez mais internacional ao nosso periódico científico.